

Conferência internacional discute em São Paulo o papel do jornal na educação

O GLOBO

Diretores destacam a responsabilidade social da imprensa, muito além de informar

12 SET 1997

• SÃO PAULO. Como os jornais podem contribuir para a educação e conquistar jovens leitores? O desafio foi discutido durante dois dias, em dez painéis de debates, na II Conferência Internacional de Jornal na Educação, que terminou ontem na capital paulista. Para o presidente da Associação Mundial de Jornais, Jayme Sirotsky, o evento mostrou que a missão das empresas de comunicação não é apenas informar, mas transmitir conhecimento e sabedoria. O intercâmbio de experiências e a troca de idéias superou todas as expectativas, na avaliação do presidente da conferência, Pedro Pinciroli Júnior, diretor-superintendente da "Folha de S.Paulo".

A responsabilidade social dos jornais e seu papel na formação da consciência dos cidadãos foram destacados pelo diretor-geral do GLOBO, Luiz Eduardo Vasconcelos, num dos painéis sobre as novas estratégias editoriais das empresas. Luiz Eduardo lembrou que O GLOBO promove há 15 anos o projeto "Quem lê jornal sabe mais", que já envolveu seis mil alunos, e orienta todos os

anos 50 escolas a levar o jornal para as salas de aula. O GLOBO investe todos os anos US\$ 1,8 milhão em cadernos e encartes voltados para crianças e adolescentes, como "Globinho", "Planeta Globo" e "Rio Fanzine".

— Infelizmente, não existe uma fórmula ou metodologia para se atrair mais jovens para a leitura do jornal. O importante é a busca disso. Com nossas ações, cumprimos um papel social e também atendemos um aspecto pragmático, comercial. A indústria de hoje precisa conquistar o leitor de amanhã — disse Luiz Eduardo.

Jornal francês tem 40 mil assinantes de 9 a 14 anos

Uma das atrações de ontem foi a apresentação de Jerome Saltet, diretor do jornal francês "Mon Quotidien", o único diário da Europa voltado exclusivamente para o público infantil. Só há registros de experiências semelhantes na Coréia e no Japão, segundo Saltet. O jornal tem 40 mil assinantes na faixa de 9 a 14 anos. O jornalista contou que, quando o jornal foi criado, em janeiro de 1995, muitos pais rotularam a ini-

ciativa como uma loucura, apostando que crianças não gostam de ler. Hoje o "Mon Quotidien" já registra lucros na sua operação.

— Nossos leitores adoram ler sobre descobertas científicas, cinema, música, esportes e meio ambiente. Mas o que faz mais sucesso são as histórias de crianças de outras partes do mundo — contou Saltet.

O presidente da RBS, Nelson Sirotsky, observou que os jovens, mais do que leitores atentos, podem se tornar colaboradores: a circulação do "Zero Hora" cresceu aos sábados depois que o caderno de esportes passou a incluir uma página produzida por crianças de 8 a 15 anos.

O diretor-superintendente do "Estado de S.Paulo", Francisco de Mesquita Neto, destacou o sucesso do sistema de consultas interativo "ZAP!", voltado para adolescentes. Já o diretor da "Folha", Luís Frias, ressaltou a distribuição de encyclopédias, atlas e dicionários em fascículos. Frias, no entanto, disse que a função educacional não deve caber à imprensa, mas a toda a sociedade e sobretudo ao Governo. ■